

O galego que não se dobra

Cyro Andrade
De São Paulo

O advento do inglês como idioma universal para a materialidade foi previsto por Fernando Pessoa há quase um século, mas ao português, imaginou ele também, estaria reservado o papel de língua universal para a espiritualidade — a língua do “Quinto Império”. Traços dessa idéia do português mundializado percorrem o romance “Periferias”, de Carlos Quiroga, escritor e professor de literatura portuguesa na Universidade de Santiago de Compostela, Espanha. Galego de Vilasante, 45 anos, Quiroga virá ao Brasil em setembro para uma série de palestras sobre cultura galega e seu trabalho literário. Em Salvador, participará do Congresso Internacional de Estudos Galegos.

Em “Periferias”, recentemente lançado no Brasil (Editora Horizonte, 110 págs., R\$ 28), os idiomas galego e português, entrelaçados em suas origens históricas, são personagens que, juntos, atravessam os séculos. Do português, hoje, a cultura galega espera receber o abrigo de que precisa para sobreviver às forças da globalização. Se nesse processo “persiste a radiação do espanhol, nossa identidade apaga-se”, mas “se vier da lusofonia, acho que se revigora”, pensa Quiroga.

Leia a seguir trechos da entrevista que Quiroga concedeu ao **Valor**, por e-mail.

A opção pela lusofonia

Há o legado medieval da Lírica recolhida nos Cancioneiros. O conhecimento dessa tradição, nos finais do século XIX, mostrou vocabulário perdido e características morfológicas consideradas vulgares, e provou que o galego não era um dialeto do espanhol, que era uma língua, e que olhar para o português, a sua continuação moderna, era o caminho de superação do ruralismo e evolução, rumo à unificação e purificação descastelhanizadora. Caminho brutalmente cortado pelo golpe militar de 1936 e a imposição do castelhano por Franco. Mas a justificativa dessa tendência, ao retorno da democracia, procede não só de argumentos

do passado, mas ainda do futuro. A língua da Galiza [*Gálcia, em espanhol*] resistiu durante séculos à radiação do espanhol, mas a resistência está-se tornando impossível no quadro dos atuais meios de comunicação. Escrevê-la com a ortografia do espanhol é um atentado histórico, mas também um suicídio futuro. O galego necessita o contato do português e a sua ortografia para não desaparecer, e também provar a utilidade no sistema lusófono e dar à sociedade galega um estímulo de uso.

Reintegracionismo e política

O reintegracionismo [*movimento cultural e linguístico que pretende a reintegração do galego à ortografia portuguesa*] tem implicações políticas, tudo o que fazemos tem. A desapareição da Galiza como identidade é um risco provocado pela integração no Estado espanhol, desde a unificação iniciada com os chamados Reis Católicos, e não se pode ocultar a simpatia do reintegracionismo por reverter tal situação. A própria luta armada independentista, que brevemente ocorreu, usava a ortografia reintegracionista. Mas o movimento reintegracionista, como tal, sempre evitou não só a apologia da violência, mas a ligação explícita a partidos políticos. Estratégia necessária para apresentar-se diante de uma sociedade castigada e entorpecida, que ainda vota majoritariamente a direita espanhola e que só é conquistável com palavras calmas. Mas, uma maioria dos implicados no movimento, temos a ver com partidos da esquerda galeguista. A integração na Europa também reformulou a idéia da dependência a respeito da Espanha. O trabalho culturalista pode conseguir mais resultados para ocupar um espaço na Europa se a sociedade galega toma consciência de si e vê maior felicidade nessa hipótese.

A “normativa da concórdia”

A “concórdia” [*acordo em torno da adoção progressiva da ortografia portuguesa pelo idioma galego*] só foi manchete de jornal. O reintegracionismo esteve excluído da conversa, apesar de ser quem a forçou e apesar de estarmos em quadros universitários em cujos



MÔNICA SANT'ANNA/DIVULGAÇÃO

ou de um brasileiro já existem elementos muito diferentes dos de um galego, mas a língua ainda permite a saída internacional para o encontro de todos, e estamos ao lado de Portugal — no Norte, o sotaque é galego. A música, a internet, descobrem uma utilidade lingüística que pode ser o único motor de reforço e preservação da cultura galega.

Ações de censura

Em 1993, um eurodeputado galego, José Posada, empregou sem problemas o galego no Parlamento Europeu, pois podia ser traduzido pelo intérprete português, mas o governo espanhol chamou-lhe a atenção. Recentemente, a polícia arrombou locais sociais de associações culturais reintegracionistas de Ourense e Santiago e deteve pessoas, com desculpas de conexões com o independentismo vasco. De todos os modos, a censura tem sido praticada mais intensa e visivelmente desde dentro da Galiza, até porque nos últimos 16 anos foi governada pela direita espanholista, com um ex-ministro da ditadura franquista à cabeça. Prêmios literários, recompensas acadêmicas, publicação de revistas, tudo passava pelo uso da norma oficial. Nas últimas eleições, o Partido Popular perdeu a maioria absoluta e governam coaligados Bloco Nacionalista Galego [*principal partido nacionalista*] e Partido Socialista: pela primeira vez em 25 anos estamos sendo chamados a receber ajudas. A Conselharia de Cultura da Galiza acaba de comprar exemplares da revista que dirijo [*“Agália”*]. A norma oficial continua sendo exigência, mas abre-se talvez um período de tolerância.

A Espanha na UE

Em princípio, as conseqüências da integração da Espanha à União Européia foram nefastas [*para a preservação da cultura galego-portuguesa*], porque aceleraram a radiação espanhola. Chegaram fundos estruturais da Europa e melhorou a qualidade de vida material, vias de comunicação, mais tecnologia, e como conseqüência maior presença do espanhol. A criação de uma euro-região com Galiza e Norte de Portugal, com a eliminação da fronteira física, parecia a grande oportunidade, pois Bruxelas criou e dotou generosamente os programas comunitários Interreg para favorecer a aproximação cultural. Mas os milhões destinados a essa finalidade foram geridos durante anos na Galiza pelos governos da direita espanhola, que dificultaram o encontro com Portugal. Recusaram o pedido de ensinar português nas escolas, nem como terceira língua, e ainda hoje não se pode ver a televisão portuguesa.

por aí, se querem fazer sem nós façam rápido, e façam mais’ — e continuar em pé.

Diversidade cultural

Se persiste a radiação do espanhol, então a nossa identidade [*da cultura galega*] apaga-se. Se vier da lusofonia, acho que se revigora. O pouco contato que os meios espanhóis consentiram com a cultura em português permite aos jovens descobrirem cada vez mais que o galego nativo sirva para ler e perceber o português de um modo que os “só espanhóis” não podem. É evidente que no conglomerado cultural de um angolano

Pensando em governar

“G.o.n.g” [*primeiro livro de Quiroga*] significa Globemário Oscilante Nervado na Galiza. Um texto posfacial fala de certa encomenda do Bloco galeguista, feita a uma empresa de consultores, no sentido de achar um projeto incentivante na indústria editorial em idioma galego, para o caso de um dia governar. Em síntese, há o achado do ‘poema global’ e Globemário é um conjunto de poemas globais. O texto tem a ver com uma intervenção, há já alguns anos, em que apresentei um enorme globo com um texto escrito sobre ele. Há muito intimismo, mas também indícios de tudo isto que estamos conversando.

Fernando Pessoa

Pessoa [...] não podia deixar de se referir à ortografia, e escreveu: “A orthographia é um phenomeno da cultura, e portanto um phenomeno espiritual. O Estado nada tem com o espirito. O Estado não tem direito a compellir-me, em materia extranha ao Estado, a escrever numa orthographia que repugno, como não tem direito a impôr-me uma religião que não acceito”. As mesmas palavras levanto contra a ortografia espanhola para o galego, não só por a lusófona recuperar a tradição histórica, mas por ser a mais universal e refundadora do único futuro possível para o galego.

"Apenas pola imaginação"

Trecho de “A Espera Crepuscular”, livro de fotografia, poesia e narrativa, em galego-português, publicado por Carlos Quiroga em 2002:

“Despojei-me do pesado abrigo, mas foi um gesto. Às costas continuava a pesar o dia de rotina e tédio. Nom busquei um bar, um lar, porque ninguém caberia no beco que comigo levo. Comim nada, nom bebib o veneno televisivo, deitei-me nu acaso porque queria sonhar contigo. E sonho. Sonho acordado com toldos azuis e motos. Tudo bem diferente do que esperava. Qualquer forma de fugida para um tate japonês pisado por uns pés em brasa. Mas nom precisamente por eles, os teus pés, mas quaisquer pés leves. Longínquos. Nom precisamente por ti com nome, mas por ti ignota ideal distante. Apenas pola viagem estrelada de sedes em direçom a eles, a ti nom importa quem, ao que está mais acima deles. Apenas polo relâmpago bifurcado correndo um instante por teus olhos. Qualquer que seja a cor. Qualquer que seja a luz. Apenas pola imaginaçom desse lampejo que estou imaginando. Enquanto demoro numha cerveja à beira da estrada. Adiando.” ■